

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAJEADO

NOVA
CARTOGRAFIA
SOCIAL DO
TOCANTINS

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAJEADO

PROJETO DA NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO TOCANTINS Coordenação: Paulo Rogério Gonçalves e Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

EQUIPE DE PESQUISA

Laelson Ribeiro de Souza
Paulo Rogério Gonçalves
Dernival Venancio Ramos Junior
Vinícius Gomes Aguiar

CARTOGRAFIA E MAPAS

Mariana Rodrigues Oliveira dos Santos

PROJETO GRÁFICO

Andreia Gualberto

FOTOGRAFIAS

Laelson Ribeiro de Souza

Comunidade quilombola Lajeado

Presidente: Valdivino dos Santos Luiz

Vice Presidente: Delzuíta Furtado Farias
Martins

Secretária geral: Celenita Gualberto Pereira
Bernieri

Tesoureira : Susana Martins Albuquerque

Suplentes da diretoria: Noelcy Luiz Furtado e
Jessica Martins de Albuquerque

Secretário Agrário e Ação Social: Adão Luiz de
Albuquerque

Secretário de Eventos Temáticos: Joelcy
Ribeiro de Deus

Conselho fiscal: Alberto Luiz Gualberto
Ana Bispo

Maria Anita Gualberto Pereira

Suplentes: Melquias Gualberto Gualberto

Selmária Gualberto

Rejane dos Santos

COORDENAÇÃO ESTADUAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS-COEQTO

Coordenadora Executiva: Maria Aparecida
Ribeiro de Sousa

Coordenadora Administrativa:

MaryellenCrisóstomo de Almeida

Coordenador de Finanças: JaksonCursino
Magalhães

Coordenação Temática:

Coordenação de Territorialidade e Agrário:

Jorlando Ferreira Rocha

Coordenação de Saúde: Lourivaldo de Souza

Coordenação de Juventude: Gederson Moreira
Cezar

Coordenação de Produção e Comercialização:

Laelson Ribeiro de Souza

Coordenação de Educação e Formação:

Evandro Moura Dias

Coordenação de Mulheres: Ariadne Cezar
Nogueira

Conselho Fiscal:

Neuzair Pereira dos Santos

Valdinéia P. Anunciação

Dulcilene Nunes de Carvalho

MiguelanesCrisóstomo Valadares

Natanael Barbosa Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Souza, Laelson Ribeiro de
Plano de gestão territorial da comunidade quilombola
Lajeado / Laelson Ribeiro de Souza, Paulo Rogério Gonçalves,
Mariana Rodrigues Oliveira dos Santos. -- Palmas, TO :
Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins - APATO,
2025.
20 p.

ISBN: 978-65-985732-5-6

1. Território quilombola. 2. Comunidades quilombolas.
3. Povos e comunidades tradicionais. I. Gonçalves, Paulo
Rogério. II. Santos, Mariana Rodrigues Oliveira dos.
III. Título.

CDD-981.04

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Quilombos 981.04

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAJEADO

O presente Plano de Gestão Territorial da Comunidade Quilombola Lajeado é resultado de um processo participativo e coletivo, construído a partir de entrevistas, oficinas e encontros com os moradores e lideranças locais. Localizada no município de Dianópolis, no estado do Tocantins, a comunidade Lajeado carrega em sua história a resistência, os saberes tradicionais e a relação profunda com o território, que vai além da dimensão geográfica, abarcando aspectos culturais, espirituais, econômicos e ambientais.

A elaboração deste plano teve como objetivo principal fortalecer a autonomia da comunidade na gestão de seu território, reconhecendo e valorizando os usos tradicionais da terra, os modos de vida quilombolas e os desafios enfrentados diante das pressões externas, como o avanço do agronegócio, os impactos ambientais e as ameaças aos direitos territoriais.

As entrevistas realizadas com os moradores mais antigos e as oficinas comunitárias permitiram identificar os pontos estratégicos do território, como áreas de roça, nascentes, trilhas tradicionais, locais de pesca, de coleta de frutos e plantas medicinais, bem como espaços sagrados e de importância cultural. Essa escuta qualificada garantiu que o plano refletisse verdadeiramente as demandas, os sonhos e a visão de futuro da comunidade.

Este documento, portanto, é mais do que um instrumento técnico: é uma ferramenta de luta, de planejamento e de afirmação da identidade quilombola. Ele orienta as ações futuras da comunidade e também serve como base para o diálogo com o poder público e outras instituições, reforçando o direito à terra, ao território e à vida digna.

**Este caderno é uma homenagem a Vó Camila e Dona
Guilhermina, matriarcas da Comunidade Quilombola Lajeado**



Camila Martins de Deus - Foto de Rafael Batista - DPETO



Guilhermina Martins de Souza - Foto de Rafael Batista - DPETO

Plano de Gestão Territorial da comunidade quilombola Lajeado

Um pouco da história da comunidade quilombola Lajeado

Nós era cinco meninas. Tudo mulher. Filhas de Marciana de Deus Gomes (1902) e Manoel Martins de Sousa (1897). Marciana era filha de Gertrudes Ribeiro Gomes, falecida em 1924, já idosa, e de Justino de Deus, papai que era irmão de Vitoriana. Manoel era filho de Alexandre Martins de Sousa e Vitoriana de Deus, papai que era irmão de Justino. Justino e Vitoriana, faleceu em 1921, já idosa, eram filhos de João de Deus Papa e Simplicia Bispo Furtado, que era filha de Paulinha Pereira, casada com Leandro dos Tucuns. João de Deus Papa era filho de José Quelemente e Francisca de Deus, estes não moravam no local onde vive atualmente a comunidade, moravam no pé da serra de Dianópolis. Não sabem quando morreram ou se tem registro em cartório. João de Deus veio de lá do pé da serra de Dianópolis, diz que veio de lá fugido pra onde tava os padrinhos cá. A madrinha era Paulinha Pereira, esposa de Leandro dos Tucuns. Veio fugido do criador dele, diz que o pai batia muito nele. Ele ficou com medo de taca, de apanhar e veio pra onde tava os padrinhos. Ele foi acabar de criar aqui. Os padrinhos dele eram os donos desse lugar aqui. Ele casou com Simplicia que era filha de Paulinha e do Leandro. Dizem que a mulher era mais velha do que ele. Os avós, nós não pegou nenhum vivo. A avó Vitoriana morreu em 1921, já bem idosa. E, minha avó Gertrude, morreu em 1924 também idosa. Então tem mais de 200 anos que nossa família vive aqui. Meu pai era daqui, nasceu, criou e morreu aqui. Ele morreu em 1957, no dia 04 de dezembro com 60 anos.

Dona Guilhermina



Guilhermina Martins de Souza



“Meu nome é Joelcy Ribeiro, nascido e criado aqui mesmo, no ano de 1965.

Morávamos na zona rural, onde cultivávamos mandioca, milho e arroz. Naquela época, plantávamos muito arroz. Éramos genuinamente da roça. Criávamos porcos e meu pai chegou a criar muitas ovelhas. A rotina no campo era variada, às vezes cada um cuidava da sua própria plantação, outras vezes o trabalho era coletivo. Lembro que, em algumas ocasiões, reuníamos vizinhos para plantar juntos. Eu mesmo participava dessas atividades. Minha avó chegou a me ajudar a plantar o meu pequeno pedaço de terra. Plantei algumas vezes com meu tio Miguel, que sempre dava uma força. Quando era dia de mutirão, cada um contribuía com algo um levava uma coisa, outro levava outra e, juntos, limpávamos toda a roça.”

Joelcy Ribeiro de Deus

“Meus pais já nasceram aqui. Mãe é de 1938 e meu pai era de 1934, e os pais dele já morava tudo aqui, né. Nascida e criada aqui mesmo no Lajeado, a gente plantava mandioca, arroz, feijão, só que o feijão não era muito não. O milho a gente plantava, era o que a gente comia. Os vizinho matava um gado e dava pra gente uns pedaço. Era roça de toco porque não tinha trator, né? Era cerca de madeira porque não tinha cerca de arame não.

Desse tempo, cada quem botava uma roça, meu pai botava, meu pai Dito ali colocava, Manoel colocava, compadre Joelcy colocava. Não dava pra colocar as roças grande, aí colocava as rocinha, né? Mas aí todo mundo ajudava uns aos outros: um dia tava trabalhando na roça de um, outro dia tava na roça do outro. Era assim que ia funcionando, e não parava não.”

Ana Bispo Martins



“Meu nome é Melquides Luiz Gualberto, eu cheguei aqui eu tinha 17 anos, nós morava numa fazenda aqui fica uns 9 km, aí o proprietário lá faleceu, aí a dona lá não aceitou nós lá. Mais que meu pai trabalhava lá sim de lavrador e cuidava do gado do pessoal que era parente dele lá mesmo, aí o povo morreram e acabaram, e os herdeiro acabou de tirar o gado. Aí nós ficamos por lá, mas quando o proprietário faleceu, a dona da terra lá, a viúva, não aceitou nós lá, mais e aí a questão tinha as Tapera aqui dos meus avós, de minha mãe,tava vazia aí nós viemos para cá, não conhecia. Eles já tinham falecido, tinha só os pés de manga,até hoje tem eles lá, é aonde Celenita fez a casa. Depois que mudamos, nós plantava em roça de toco. Nessa época não existia nem um fazendeiro desses que existe hoje aí, não tinha ninguém de fora era só os familiares. Mas plantava arroz, milho, mandioca, feijão. Depois perdemos a semente de feijão, tinha também o milho. Nós tinha o milho colorido, o crioulo. Essa semente sumiu da região. Eu até hoje tenho. Eu tenho aquele colorido mesmo, o sangue de boi e tem outra aqui misturado, ele sai nas espiga várias cores salteado né. Perdeu muito com essa semente transgênica. Nós plantava a mandioca aí nós fazia farinha né.”

Melquides Luiz Gualberto



Roça de mandioca



Milho crioulo

“O rio que passava por aqui era fundo e perigoso. Diferente de hoje, em que ele está raso e com muitas pedras. Antigamente, para atravessá-lo, era preciso muito cuidado. Além disso, havia grande abundância de peixes. Hoje, a realidade mudou bastante.”

Joelcy Ribeiro de Deus

“A água sempre foi no rio, porque antes tinha água aqui pra gente dar para galinha, para molhar planta. Tinha aqui nesse corgo que era o Lajeado, mas aí secou, não minou água mais. Por isso aqui chama Lajeado, é por causa do corgo, esse corgo que a gente atravessa pra chegar em Benedito.

A água do rio diminuiu muito. Porque, olha, antes, quando tava chovendo, invernando, a gente enxergava a represa dele ali na baixada. Hoje, a chuva chove e o rio tá seco. Chove e peixe é de jeito nenhum, não acha não.

Antes a gente pegava, não era muito não, mas a gente pegava. Meu pai ia e pegava cada uma piabanha, caranha, umas piaba grande, mas acabou. Hoje tá sem nada.”

Ana Bispo Martins

“Em relação à água quando chegamos para cá era difícil, era cacimba, depois tentamos furar a cisterna e não dava conta, era muita rocha, conseguimos furar duas, às vezes era necessário nós ir até o rio para pegar água. Aí em 2017 nós furou um poço artesiano.”

Melquides Luiz Gualberto

“Nossa comunidade sempre manteve tradições religiosas. Uma delas é a reza do dia 8 de dezembro, em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Quando tomei consciência das coisas, minha avó já participava dessa reza, que ainda mantemos até hoje. Também celebrávamos a folia de reis, muito presente naquela época. Era comum nos reunirmos para ‘despachar a folia’, uma forma de manter viva a fé e a cultura. Com o tempo, formou-se uma associação que possibilitou a realização desses eventos com mais estrutura.”

Joelcy Ribeiro de Deus

“Nós reza de 8 de dezembro da Nossa Senhora da Conceição, que é o terço ao meio-dia. Tanto os reis que é mais à noite, né? Tem mastro, daí nós colocamos a fogueira. Mas de certo tempo pra cá não tá dando certo a folia. É tradição todo ano da comunidade.”

Ana Bispo Martins

“Lembro que Zé Luís era um dos moradores que trabalhava com artesanato. Ele sabia fazer de tudo, inclusive carro de boi, com a madeira que era abundante na época. Hoje, infelizmente, a madeira escasseou, e com ela, parte desse saber tradicional também se foi. A coleta do buriti, por exemplo, era comum. Essa planta era usada na produção de polpas e outros produtos. Também havia o murici, embora fosse menos abundante.”

Joelci Ribeiro

“A gente não tinha muitas frutas, né? Apanhava cagaita pra gente comer. Agora que a gente pega pra fazer um suco, né? Mas o que a gente cultivava mais era o pequi, né? Pra comer, pra fazer sabão, tirava o óleo.

Buriti a gente não tinha aqui. Artesanato aqui nós fazia. Tinha os fazedor que fazia e a gente comprava deles. Essa mesa aí mesmo foi meu pai que comprou na mão de um homem lá em Porto Alegre, não lembro o nome dele. Era fazedor desses trem, né? O tapiti nós fazia de palha de buriti, mas aí os buritis foram morrendo, os brejos foram acabando, e aí descobriram essas fibra, né? Aí é bom que não bota no fogo pra poluir o ambiente. A gente aproveita. Mas era pouco o extrativismo.”

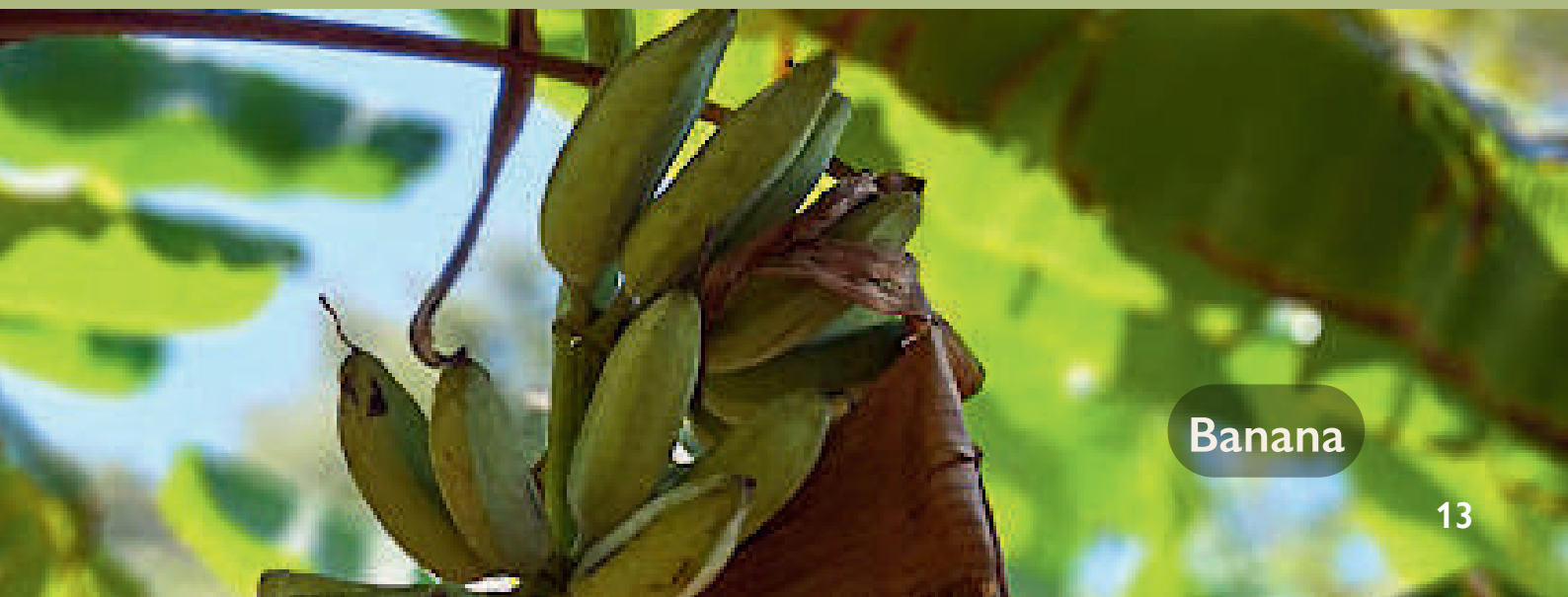
Ana Bispo Martins



Confecção de quibane

“A fruta aqui que nós consumia era o pequi, a manga, a mangaba, o murici, o caju, a curriola, a goiaba. Criação vai mexer com um pouco, quando nós chegou para aqui era criado solto, aí depois tivemos que criar ele preso, aí até nós pegar o manejo de criar eles preso não tava fácil não. Aí eu parei de criar um pouco, aí depois eu voltei a criar novamente, mas já preso. Nesse tempo eu tinha comprado uma beneficiadora de arroz, aí dava um suporte na comida, tinha puim pulinho, tinha quirela, mas aí dá muito trabalho e depende de muita água. Mas também criou o gado com muita luta. Até hoje ainda se encontra um pouco o gado. Antes era criado solto no agreste e hoje o fazendeiro foi entrando e limitando, aí fechou tudo. Às vezes tem uns que não é cercado pelo dono, mas os vizinhos cercaram, aí o seu ficando cercado do mesmo jeito, né, ficamos sem espaço, perdemos nossas áreas toda. Ainda bem que surgiu a comunidade para nos proteger. Aí hoje só conseguimos fazer pastagem e os bichos depois que aprende a comer o capim manso, ele não quer outro.”

Melquides Luiz Gualberto



Banana

“Minha mãe nasceu aqui, mas meus avós vieram do município de Conceição. Contam que meu avô chegou ainda menino. Eles se estabeleceram primeiro na região da Gameleira, nas fazendas do vale de Dianópolis, e depois vieram definitivamente para cá, onde minha mãe nasceu e foi criada.

Naquela época, trazer alguém de longe era muito difícil especialmente quando se tratava de crianças ou idosos. Era comum carregarem as pessoas na cabeça, de tão distante que era o trajeto. Hoje pode parecer exagero, mas as condições eram bem mais difíceis.”

“Com relação as plantas medicinais ela foi perdendo a validade, sumiram muitas com o desmatamento e uso excessivo de veneno, o povo só quer procurar a farmácia. O que eu quero é que essa geração mais nova, que essa moçada que tá aí, que volte para cuidar das heranças que nós estamos deixando, legado das formas de viver aqui na roça, do nosso jeito.”

Melquides Luiz Gualberto



Ione Luiz Martins e Vó Guilhermina Martins de Deus- Fotos de Rafael Batista – DPETO

“Eu sou Ione Luiz Martins. Sou quilombola. Sou da comunidade quilombola Lajeado, município de Dianópolis. Eu sou pedagoga. Atualmente, eu exerço a função de gestora da Escola Municipal Descoberto que tem dentro da minha comunidade. Esse ano, a Escola Municipal Descoberto foi aprovado um projeto de lei para mudar o nome, pois o nome da escola não tem referência, por ela ser inserida dentro da comunidade, não tem referência à nossa comunidade. Então, o nome passou a se chamar Escola Municipal Vó Camila, em homenagem à minha avó, uma grande líder e matriarca da comunidade. A avó era a favor da educação. Ela sempre incentivou a gente a estudar, correr atrás dos nossos objetivos, mas não perder a nossa essência e trazer para dentro da comunidade aquilo que a gente formou, o que a gente buscou, o que aprendeu, e ensinar os nossos que estivessem ali dentro da comunidade. Quando eu ainda estava fazendo o curso de pedagogia, ela relatou o desejo dela de que eu e meus primos terminássemos a nossa faculdade e voltar para dentro da comunidade e trazer, exercer a nossa função dentro da comunidade. E eu falei para ela, prometi a ela que, quando eu terminasse, eu retornaria. E é por essa razão que estou na escola. Eu percebi também que, quando cheguei na escola, em 2020, infelizmente ela já tinha falecido, mas eu presenciei um ato, uma ação de dois alunos, um quilombola e outro não quilombola, onde o aluno que não era quilombola estava cometendo bullying com o colega por ele ser quilombola.

E eu percebi que os alunos que eram quilombolas, eles tinham dificuldade de se autodeclarar, porque eles tinham vergonha pela forma que foi inserido para eles sobre o ser quilombola. Eu indaguei o aluno não quilombola, porque daquela atitude com a outra, e ele me falou que era o que ele havia aprendido, que foi ensinado a ele que o quilombola era escravo. A partir daí, eu levei para as minhas aulas para desconstruir sobre isso que foi ensinado a eles. E, hoje, na gestão da escola, eu percebi que consigo atender justamente àquilo que a avó falava da questão de a gente ensinar, passar o que a gente aprendeu. E, na gestão, eu consigo não somente isso, Na sala de aula, eu só inseria para os meus alunos, mas, na gestão, eu consigo falar sobre o ser quilombola, da importância das nossas culturas, das nossas vivências, para todo o público, nas nossas ações, onde os pais participam, a comunidade vizinha, todo mundo participa. E eu sempre procuro relatar, trabalhar, sempre voltado para essa questão. E a importância do nome de avó é porque a avó foi um ser muito importante para a nossa comunidade. E, com a mudança do nome, a gente tem uma referência. A referência dela é um legado para o resto da vida, porque é uma escola que vai levar o nome dela. Então, é referência para todos nós, tanto da nossa comunidade como da comunidade vizinha, que teve o prazer de conhecê-la. Sabem tanto que ela foi uma grande mulher e de grande importância para dentro da comunidade, para a escola.

Ione Luiz Martins

Escola Municipal Descoberto



Plano de gestão territorial – Moradia e espaço social

“Eu queria minha casa perto do rio, mais próximo da água. Não tem essa de fazer todo o investimento de furar poço, para ter esse acesso à água. A água é mais próxima, apesar da gente não saber até quando que a gente tem o rio. São áreas que precisam ser preservadas. A gente constrói uma casa, mas a gente não desmata muito, a gente faz um quintal e o resto fica preservado.

Celenita Gualberto Pereira Bernieri

“As pessoas têm interesse de ter um lote, não sei nem se é assim que se chama, um lote na beira do rio. Vamos lotear, quem tem interesse faz lá. Eu mesmo se eu tiver como fazer uma casa na área da comunidade, eu quero na beira do rio, um lote. Não quero terra para plantar, para criar gado, não quero criar gado. Eu só quero fazer uma casinha para ter uma rede quando vir. Que não é ruim para a comunidade, é muito bom. Que os mais velhos vão faltando, vai ter que fazer essa ocupação”.

Laurenita Gualberto Pereira





casa de Benedito Ribeiro de Menezes

“Vai ter uma parte que vai ser para uso social. Por que se a escola, por ventura, não tiver público suficiente para que mantenha o estudo tradicional, a gente vai gerir essa escola para que ela possa virar um espaço educacional com outra finalidade. Não do estudo convencional, um ensinamento técnico, para cursos de oficinas, enfim. Para saúde, um monte de possibilidades, biblioteca. Tem muitas possibilidades, para investimentos públicos, ela tem que ficar aqui, nesse entorno da escola. É uma área assim para ser uma casa de produção de polpa, uma casa de extração de baru. Eu acho que a gente deveria concentrar num lugar sozinho, pra gente poder ser mais fácil o acesso pra todo mundo. E lá na escola mesmo seria um ponto bom. Depende de determinar a área, por exemplo, daqui tantos metros vamos fazer um posto de saúde, daqui tantos metros faz tipo um complexo. Onde vai estar todos esses locais públicos concentrados naquele mesmo lugar. Por exemplo, vai ter um local de reunião, um evento grande, faz tudo naquele lugar. Vai ter um abatedor de frango, vai tudo naquele lugar. Lá a gente já tem fonte de energia, lá a gente já tem fonte de água. E no caso, nesse espaço social, desse complexo, que a gente pode construir depois, a gente já pode fazer essas coisas dentro desse, até porque pode surgir um projeto, por exemplo, pra gente construir uma casa de farinha. Pode surgir um projeto pra gente fazer uma câmera fria”.

Valdivino dos Santos Luiz

Plano de gestão territorial – Turismo

“O turismo, ele pode ser explorado nas margens do Rio Manoel Alves, que tem um fluxo maior de água e a gente entende que as pessoas já têm uma demanda de procura é pela água nos tempos mais secos. Você vê que tem mais fluxo de gente vindo. Então, quem é de fora da comunidade, quando vem para acampar, sempre vão para a beira do rio. Hoje, livre, sem pedir licença, mas se tiver uma exploração do rio pelas famílias. Utilizar um turismo ecológico de base comunitária”.

Celenita Gualberto Pereira Bernieri



Plano de gestão territorial – Produção de alimentos e criação animal

“Eu quero que os jovens venham continuar com o legado nosso, né? Plantar uma roça, plantar pra ter a pimenta, ter o jiló, ter o maxixe e não deixar o estudo. Porque hoje em dia o que tá valendo é o estudo. Eu mesmo, se fosse uma coisa que eu pudesse, eu ainda tava estudando. É bom demais. Eu sempre falo, se não quer ir capinar, tem que seguir o caminho do estudo. Graças a Deus os meus tiveram a oportunidade que eu não tive, já fizeram faculdade.”

Ana Bispo Martins

“Onde tem pasto é criar gado, já está desmatada. Se ela estiver limpa, planta, mas se ela tiver pasto, não adianta arrancar o pasto, é botar para criar bicho nela. O que tá roça é roça. Então, isso dá para fazer em todas as áreas que a gente for ocupar, que os fazendeiros vai entregar, dá para fazer, certeza. Essa área de Nelson aí é uma área boa para criar, porque essa daí tem acesso ao rio quase toda. Você pode botar o bicho lá na cabeceira dela que ele tem acesso de beber no rio. Então essa é uma das que principalmente para criar. Tem muita área de rio ela quase toda pega o rio, de uma ponta na outra, que ela vai e encosta no rio assim”.

Manoel Martins



“A gente divide a área de pastejo em glebas, são várias nascentes dentro do território vamos preservar todas. É possível preservar, vamos fazer uma delimitação da área do local da nascente, cercar ela, para que ela não tenha contato com o gado”.

Valdivino dos Santos Luiz.

“A solta de gado vai ficar nessa área de assim, nessas duas áreas de desmatamento do Nelson. Naquela parte de roça lá faz roça. Então, toda área que tiver, possibilidade de soltar o gado, solta o gado. Em determinado momento, nós vamos ter que fazer uma separação por piquete. Por gleba, de uma maneira que para a gente possa gerir melhor essa questão da pastagem, porque se a gente soltar toda, acaba o pasto tudo de uma vez só, e determinada época do ano, quando a gente tem uma seca muito intensa, severa, a gente vai passar aperto. Então vai ter um local de solta, mas a gente vai ter que gerir ele, administrar ele em piquetes. Então vai fazer piquetes para solta não ficar contínua para todo lado”.

“Se eles forem indenizados, e eles deixarem a cerca, nós vamos aproveitar, vamos revitalizar e usar”.

Valdivino dos Santos Luiz.

Plano de gestão territorial – Extrativismo e preservação ambiental



“A Secretaria Municipal de Meio-Ambiente, da prefeitura, já estão fazendo um processo de reflorestamento, já vieram duas vezes, já plantaram mudas. É esses dias vieram, fizeram um acero para proteger do fogo, e a gente vai continuar com esse apoio, e vamos buscar maneiras para a gente poder administrar e preservar esse acero, aí. Deixando ela dentro dessas áreas de reserva, então dá para ter uma área de reserva protegida”. Valdivino dos Santos Luiz.

“Vamos usar também para extrativismo. Tem pé de amburana, sucupira, nessas áreas fechada, jatobá, que utiliza além do fruto, também para fazer medicamento. Tem o cajá, curriola, mangaba, pau d’óleo, baru, coco macaúba, murici, são eles. Estão no fundo espalhado no território, no território inteiro vai ter”

Valdivino dos Santos Luiz.



Oficina de gestão territorial



ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA
AGRICULTURA NO TOCANTINS

